

HUMOR, TRISTE HUMOR

Jean Henrique Costa¹

Riram do corpo do aleijado que, em vão, tentou se erguer.

Riram ainda do improdutivo cego que nada pôde ver.

Caçoaram da prostituta que com todos se deitava.

Caçoaram ainda de um rapaz que diferentemente se alegrava.

Achincalharam o despossuído lazarento que nada tinha na barriga.

Achincalharam ainda o negro que, tolo, com ouro se embranquecia.

Hoje riem do vagabundo que pelas calçadas perambula.

Riem, ainda, do artista de rua que com sua arte pouco reluz.

Parodiam a carência que peca pela falta.

Parodiam também a fartura que de abundante se estafa.

Encantados com a astúcia de um Odisseu stand up, continuam a rir sem coração.

E, seduzidos pelo encanto da sereia infoproletarizada, pouco há de remissão.

Riem de tudo! Para além do que não há no mundo!

Riem mesmo do luto que de sorumbático se emudece.

Zombam de todos os presentes que parados apenas riem.

Zombam, principalmente, porque a platéia, parada e encantada, pouco entende.

Zombam até do bom humor que, feliz por ser lembrado, graceja.

Zombam também do triste humor que, de tanto moralismo, até se lamenta.

Zombaram... Zombam... Zombarão...

De fato, nada disso é engraçado. Exceto, talvez, o infortúnio de quem ri.

¹ Professor UERN, e-mail: prof.jeanhenriquecosta@gmail.com